

Anderson Peace  
Charles Cooper  
George Cooper  
José Valdemar de Oliveira

# ATRÁS DAS JANELAS

*Editora Penalux*  
*Guaratinguetá, 2021*

## *Peste*

Sempre fui avesso à citação quase anônima que a história do mundo é viajante sobre círculos; que a história se repete; nunca achei e ainda não acho; acredito que o trajeto do homem seja em uma interminável espiral. Mas isso não importa. O que importa é que, na Florença de 1342, a pandemia de peste negra, a peste bubônica, havia chegado a Itália, matava multidões e Giovanni Boccaccio (1313 – 1375), o maior nome da literatura italiana de então, tinha perdido uma filha pelo mal, e já iniciava o *Decamerão*, sua obra-prima, um conjunto de cem noveletas, contadas por 10 jovens refugiados em uma fazenda erma. Nelas estão retratados o erotismo, a alegria de viver, a luxúria, os erros conjugais, bem como a generosidade, a amizade; exceto, a morte. Sitiados, só os jovens não pensam no fim, mas no que fazer na vida de prazeroso até chegar o tal do fim. Outro perigo mortal, hoje, está à nossa porta. A imaginação, quem sabe, tenha que se repetir.

## *Que novo normal?*

Abriam todas as portas. Saíram às ruas. Começaram a retirar as máscaras de pano. As máscaras de pele e as fisionômicas continuam. As de pano servem para se protegerem do vírus. As de pele servem para enganar a Deus. As de expressão servem para ludibriar o próximo. Afinal, toda máscara tem sua finalidade protetora. Seja dos vírus que estão no ar, dos pecados que nos flagelam, ou das mentiras que nos salvam. A pandemia fez a grande mídia criar o marketing de que a humanidade iria mudar. Que haveria uma transformação profunda no ser humano. Que o mundo ganharia outra “vibe”. Tudo balela. Bastaram os primeiros raios de sol invadirem as brechas das janelas para esquecerem as mortes, as lágrimas, as dores. Quem morreu, ou ainda morre, está enterrado. Mãe, pai, irmãos, tios... Alguns se foram, se vão, outros ficaram, ficam. E os que ficaram, já dramatizaram a dor suficiente. Vivemos tempos em que há um período determinado para chorar. As lágrimas são a catarse da culpa. O choro às vezes parece ser o forjamento de um luto que talvez nem exista de verdade. Que nunca existiu. Luto é ilusão. Há mais drama que dor nas mortes contemporâneas. O sentimento

pelo irmão (é assim que chamam uns aos outros nas igrejas, não é?) foi aniquilado pelo egocentrismo. E parece não ter como restituir essa sensibilidade da alma. Perdemos a sanidade. E não foi por causa de uma pandemia. Os sentimentos da humanidade encontram-se na UTI há décadas. Não tem mais como frear as ações bárbaras, o verbo assassino. Corremos às cegas sobre trilhos enferrujados. A loucura nos guia. E o destino é o precipício.

## *Cárceres*

Às sei horas, os raios do sol chegam bem pertinho da minha cama, quebrando o soninho bom da madrugada. Levanto-me e espalho a cortina da janela, o céu azul faz festa. Um homem avança pela rua, trazendo uma gaiola nas mãos. Dentro do cárcere, um pássaro assustado se movimenta de um lado para outro. Numa calçada vizinha, a gaiola é depositada. Gatos espreitam o pequeno pássaro sob os olhares do homem. O orvalho da madrugada deixou as flores encharcadas. Nasce um novo dia. O pássaro experimenta os raios solares. Sente a vida esquentar. Levanta as patas, abre as asas, mas pousado está. Com a energia solar, ensaia um voo. Desiste. Aquele pássaro, às seis horas da manhã, quando o sol beija as calçadas da Rua do Lemos, simboliza minha vontade de voar, de abandonar esse isolamento. Não tenho asas, mas bem que poderia. Se eu as tivesse, voaria pelo horizonte, conheceria os segredos do oceano, bailava por entre os canaviais, vivia em estado de poesia. Sou um pássaro, ensaio o voo. Mas a gaiola invisível me impossibilita de qualquer arrebatamento. Abro os braços, sinto as asas. Gatos não me espreitam, mas meus medos são mais intensos. A gaiola é essa bruxa numérica, minha janela são as calçadas. Eu quero voar!

## *O tempo de Budapeste*

Ahh, o magnífico Hotel Budapeste, símbolo do imperialismo europeu, localizado no país fictício de Zubroska, criado pelo diretor norte-americano Wes Anderson, no filme *O Grande Hotel Budapeste*, vencedor de quatro óscares. Do auge na década de 30 à sua decadência nos anos 60. Dono de umas das mais belas histórias de amizade e resiliência, ou senão, a única; uma relação quase fraternal entre o concierge Monsieur Gustave H., sempre banhado pelo perfume *L’Air de Panache* e seu encanto por senhoras loiras e desencantadas pela vida, com seu aprendiz e mensageiro Zero Moustafa, um imigrante que conseguiu manter a inocência mesmo após a morte de seus familiares na guerra, provavelmente na dissolução do Império Otomano em 1922. Entre as paredes de cores vivas do hotel ou a cinzenta cidade, sempre viverá em harmonia a ganância, representada pelo criminoso Dimitri Desgoffe, e a delicadeza, representada pela confeitadeira Agatha. Surgirá como um câncer, o nacionalismo extremo, a Segunda Guerra Mundial tinha acabado de chegar, e isso mudaria a vida dos nossos personagens. A última cena, o fechamento de um ciclo, é a coragem de defender o seu amigo

e confidente diante da carnificina, representado pela frase grandiosa de Gustave: “Ainda há fracos reflexos de civilização neste matadouro selvagem que já foi conhecido como humanidade”, que por sinal é inspirado também no escritor austríaco Stefan Zweig (1881-1942). Então o grande Budapeste ruiu como tantas coisas que tem prazo de validade; tem o seu auge e sua decadência, mas o dono o manteve a funcionar para manter viva as suas lembranças mais belas. O tempo passa, porém devemos manter a vida em flores de uma primavera que já passou, e as histórias dos nossos personagens é a luta da inocência, delicadeza e da fantasia de sobreviver sem se mancharem de sangue.





*Instagram: atrasdajanelas*

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Eletra LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2021.

---